

artigo acadêmico

ANÁLISE SEMIÓTICA DA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE*, DE SAINT-EXUPÉRY

Maria Aline Belizário dos Santos¹
Silvio Nunes da Silva Júnior²

RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar a forma como o texto e as ilustrações dialogam na obra “O Pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry, a partir da perspectiva semiótica. Nesse sentido, o trabalho traz reflexões sobre as principais personagens ficcionais presentes na narrativa, bem como das frases marcantes que a compõem. Como aporte teórico, este trabalho parte dos pressupostos de Moriz (2012), Oliveira e Namba (2014), entre outros. Em linhas gerais, o texto de Saint-Exupéry dialoga com às imagens e apresenta questões humanas e sociais relacionadas

1 Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL/Campus III). E-mail: alinebelizario30@hotmail.com

2 Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Professor substituto de Linguística da UFAL e da Universidade de Pernambuco (UPE). Professor efetivo da SEMEDE/Palmeira dos Índios-AL. Estágio pós-doutoral no PPGESA/UNEB. E-mail: silvionunesdasilvajunior@gmail.com

à década de 1940, período em que a obra fora escrita, mas que ainda perduram no universo contemporâneo, marcando a atemporalidade.

Palavras-Chave: Literatura Infanto-juvenil. O Pequeno Príncipe. Reflexão. Semiótica.

ABSTRACT

This research aims to analyze how the text and illustrations dialogue in the work “The Little Prince”, by Saint-Exupéry, from a semiotic perspective. In this sense, the work brings reflections on the main fictional characters present in the narrative, as well as on the striking phrases that compose it. As a theoretical contribution, this work starts from the assumptions of Moriz (2012), Oliveira e Namba (2014), among others. In general, Saint-Exupéry’s text dialogues with images and presents human and social issues related to the 1940s, a period in which the work was written, but which still persist in the contemporary universe, marking timelessness.

Keywords: Children and Youth Literature. The little Prince. Reflection. Semiotics.

INTRODUÇÃO

A Literatura Infanto-Juvenil constitui uma área carregada de metáforas que nos proporcionam atos reflexivos sobre valores, atitudes, ações e diferentes visões de mundo que podem estar sendo reveladas e denunciadas ao longo do escrito literário. O Pequeno Príncipe, de autoria do francês Antoine de Saint-Exupéry, é a terceira obra mais traduzida no mundo, com adaptações feitas

tanto para a TV quanto para o cinema. A citada narrativa é uma das publicações mais conhecidas desse autor, cuja ficção se mescla com a história de vida do escritor.

A obra, à princípio, foi considerada como literatura destinada ao público infantil, mas, por trazer uma temática de reflexão filosófica, acaba por atrair a atenção de um público diverso e chama bastante atenção na comunidade científica da área da Literatura, como é o caso do presente trabalho que se insere numa vertente semiótica do estudo dos textos literários.

Dessa forma, temos como objetivo, neste estudo, investigar a articulação entre texto escrito e imagens na obra “O pequeno príncipe”, de Saint-Exupéry. No primeiro tópico, expomos uma concepção da Literatura Infanto-Juvenil. Posteriormente, abordamos a vida do autor, bem como a obra aqui estudada. No terceiro tópico, discorremos sobre a semiótica, trazendo ponderações sobre as representações imagéticas das personagens e sua simbologia na narrativa. No último tópico, apresentamos uma abordagem reflexiva acerca das frases presentes no livro.

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infanto-juvenil é especificamente dedicada às crianças e aos jovens adolescentes. Nessa literatura, podemos encontrar biografias, poemas, novelas, obras que explicam fatos reais e histórias fictícias com aspectos infantis e juvenis. Os conteúdos presentes nas obras infantis e juvenil se enquadram de

acordo com a idade do leitor. As obras literárias que são destinadas as crianças que estão entre dois a cinco anos de idade são compostas por imagens coloridas e textos pequenos, para que, assim, possa-se atrair mais a atenção das crianças. No que diz respeito às obras literárias para os jovens, estas contêm mais texto e menos imagens.

Dessa forma, é perceptível que a literatura infantil e juvenil é de grande importância para que as crianças tenham mais contato com os livros e a literatura desde cedo, adaptando-se mais facilmente ao mundo da leitura. O gênero infanto-juvenil começou a ganhar estrutura entre os séculos XVII e XVIII, quando é percebida a riqueza que existe na infância. Até o século XVII, os textos literários eram escritos para as crianças e os adultos, sem separação.

Atualmente, a literatura infanto-juvenil continua com esses objetivos, porém se adaptou mais à realidade das crianças e jovens, aprimorando seus textos com novos aspectos, proporcionando, para os leitores, novas realidades, acompanhadas de diversão e lazer, com mais características infantis, com livros coloridos e histórias alegres, que encantam as crianças e os jovens. Dentre essas obras, destaca-se “O pequeno príncipe”, de Saint-Exupéry, obra e autor que dão corpo ao tópico a seguir.

AUTOR E OBRA

Antoine Jean Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry, nascido na cidade de Lyon, em 1900, na França, foi

piloto do correio aéreo nacional do país em que residia. Sobre o autor, Freitas (2015) pontua que ele foi

Terceiro filho do casal Jean de Saint-Exupéry e Marie de Foscolombe, Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry entra para a história no dia 29 de junho de 1900, na cidade de Lyon, na França. Seu pai pertencia a uma família aristocrática e conservava o título de conde e o prestígio do sobrenome. Contudo, Antoine praticamente conheceu seu pai somente através de fotos, pois ele morreu em 1904 deixando cinco filhos menores que foram criados pela mãe, em Saint-Maurice-de-Remens num castelo que pertencia à tia de Antoine. Aos dez anos de idade Antoine já era aluno semi-interno no colégio Notre-Dame-de-Sainte-Croix e segundo cartas enviadas a sua mãe tinha uma prática religiosa católica: “comunguei esta manhã no colégio”. (FREITAS, 2015, p.14)

Frente isso, vale ressaltar que Antoine Saint-Exupéry nasceu numa família de posse, considerada tradicional por ter títulos de nobrezas, o que trazia à família certo prestígio e reconhecimento perante à sociedade francesa. Cedo foi para escola, fato que acelerou seu desenvolvimento e o levou a se dedicar aos estudos, pois já aos dezessete anos Saint-Exupéry

deu início a sua preparação para ingressar na escola Naval através de concursos, sendo chamado, em 1921, para o serviço militar em Estrasburgo. Nesse momento inicia a sua luta para obter um brevê de piloto civil. Foi assim que pilotar se tornou uma paixão. Contudo, sua vida foi permeada de muitas dificuldades de caráter material e as contra a areia, bem como as trazidas pela solidão, pela injustiça e as geradas pelo homem (FREITAS 2015).

Sua primeira publicação aconteceu no ano de 1926, em uma revista literária chamada *Le Navire d'Argent*, com o conto que recebeu o título de *L'Aviateur* (O Aviador). Alguns anos depois, publicou seu primeiro romance, intitulado *Courrier-Sud*, (Correio do Sul), que muitos acreditam retratar o insucesso em uma de suas relações amorosas. Posteriormente, Saint-Exupéry decidiu se mudar para a América do Sul e exerceu o cargo de diretor da companhia *Aeropostal Argentina*. Foi durante esses anos, voando sobre aviões correios, que escreveu a obra *Vol de Nuit* (Voo Noturno), que fez tanto sucesso que ganhou adaptação para o cinema.

Antoine passou a trabalhar a serviço na *Air France*, e foi no ano de 1935 que o avião em que estava teve alguns problemas mecânicos, caindo em um deserto na África, obrigando-o a caminhar por alguns dias, até finalmente ser resgatado por uma caravana. Alguns anos depois, escapou da morte novamente, quando o avião em que ele estava caiu na Guatemala.

Sobre o autor, Dryzun (2009, p. 59) o descreve como [...] “um tipo memorável. Um homem de ação, com coração de

filósofo e alma de poeta. Encantador, enigmático e muito franco no que revela”. Sobretudo, um homem tão espetacular que encantava as “pessoas grandes” com sua “habilidade de escolher sempre a palavra certa” (DRYZUN, 2009, p. 59). Saint-Exupéry morreu em 31 de julho de 1944. Com referência à sua morte, ainda se encontra envolvida em mistério, visto que até hoje seu corpo não foi encontrado. De acordo com Lima, Silva e Reiner (2010), em 2004 “os destroços do avião que pilotava foram achados a poucos quilômetros da costa de Marselha”, porém seu corpo jamais foi encontrado.

Escrita no ano de 1942 e lançada no ano seguinte, a obra *O Pequeno Príncipe* (*Lê Petit Prince*) foi revelada ao público em um período em que o autor estava exilado em Nova York, enquanto sua terra e seu povo sofriam perdas irreparáveis com ataques oriundos da Segunda Guerra Mundial. Este evento culminou a uma série de sentimento que levam Saint-Exupéry a pensar a existência humana e as motivações para aquele mundo devastado pela guerra que trouxe consigo a miséria, o desemprego e ainda sérias mudanças no cenário de muitas cidades e de sua população. Ele sentiu na pele diversas dificuldades. A guerra assolou sua alma. Essa marca o levou a criar seu mundo particular, que ele representou na obra *O Pequeno Príncipe*.

Para tanto, cabe salientar que por se tratar de uma obra que visa abordar uma referência indireta aos valores e conceitos da vivência, ela apresenta traços de seu próprio criador, dando ao enredo características peculiares em que a representação

das personagens aborda aspectos sociais advindas da vida do autor. Nessa perspectiva, Trindade (2007, p. 22) assevera que “a verdadeira obra de arte tem inclusive um sentido especial no fato de poder se libertar das tristezas e dificuldades insuperáveis de tudo que seja pessoal”. Para o teórico, mesmo que a obra de arte e o homem estejam ligados entre si por uma profunda relação numa interação recíproca “não é menos verdade que não se explicam mutuamente” (TRINDADE, 2007, p. 22). Assim, é possível considerar que a relação entre autor e obra ocorre de modo natural possibilitando entrever pontos característicos oriundos da vivência e personalidade de quem a escreve.

De acordo com Vircondelet (2008, p. 20), a imagem do Pequeno Príncipe surgiu em um dia em que Saint-Exupéry estava reunido junto com alguns amigos em uma cantina no Café Arnold e [...] “enquanto o garçom retirava a mesa, ele desenhou um garotinho de cabelos revoltos...”. “O desenho surge quase automaticamente para ele que não se considera um desenhista” (VIRCONDELET, 2008, p. 20). Seria esse o nascimento do Príncipezinho? Sobre, o autor alega ser “Nada de mais. Apenas o garoto que existe no meu coração”.

O Pequeno Príncipe é uma das obras mais conhecidas de Antoine de Saint-Exupéry, obra cujo narrador é o próprio autor, que busca relatar as fantasias de uma criança questionadora que busca compreender alguns aspectos da vida com pureza e ingenuidade. Tal história é relatada de modo compreensível e cativante em que o autor transforma o deserto do Saara em um

lugar mágico atravessado por várias histórias, a história de um aviator. Ao resumir a obra de modo breve, Freitas (20015) relata que o pequeno príncipe:

é a história da experiência de um aviator que por causa de uma pane no motor de seu avião, fez um pouso emergencial no meio do deserto do Saara, na África. Depois de adormecer é acordado por um príncipezinho que lhe pede para desenhar um carneiro. Em oito dias de contato com o pequeno príncipe muitas coisas novas e antigas são reveladas ao aviator. Um pequeno menino, que veio de um pequeno planeta distante da terra, saiu em busca de conhecimento para entender e viver melhor com uma rosa que ele achava que era a única no mundo. Os encontros narrados pelo jovem príncipe encantam o aviator. Em cada encontro um novo conhecimento, uma nova pergunta, um novo horizonte era aberto na vida daquele que buscava sentido para a existência. Uma raposa, uma cobra, uma flor, um poço no meio do deserto tudo é motivo de reflexão na história criada por Saint-Exupéry. (FREITAS, 2015, p. 15).

Além de ser concebida com uma das obras mais lidas, a narrativa também se sobressai como obra mais traduzida no

mundo, com adaptações feitas tanto para a TV quanto para o cinema. À princípio, foi considerada como literatura destinada ao público infantil, mas, por trazer uma visão poética e metafórica do mundo e questões filosóficas que até perpassam no mundo contemporâneo, conquistou não somente os pequenos leitores, mas “pessoas grandes”, como enfatiza o narrador da obra *exuperyana*.

De acordo com as teóricas Oliveira e Namba (2014, p. 8), esses tipos de narrativas “abordam diversas situações humanas, que giram em torno de valores tais como: o amor, o respeito, a esperança, a ganância, a esperteza, a amizade, a maldade, a bondade”. Nessa perspectiva, o escritor Saint-Exupéry, em sua famosa obra *O Pequeno Príncipe*, utilizando as características da fábula, através do diálogo entre os seres inanimados como a Rosa e Animais falantes: a Raposa e a Serpente e o príncipezinho por meio da simbologia, possibilita aos leitores uma reflexão acerca dos valores humanos apreciados ou criticados pela sociedade.

SEMIÓTICA E DIÁLOGO: REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS NA OBRA

É indiscutível como a Literatura se utiliza da arte da palavra para transfigurar o real. Conforme Moriz (2012, p. 24), a literatura “revela sentimentos, valores e visão do mundo, vigentes em determinada época”. Dessa maneira, por meio da linguagem multissignificativa, “a literatura expressa os valores, a ideologia e o

pensamento humano” (MORIZ, 2012, p. 24). Nessa perspectiva, é possível considerar que sentimentos, valores e a percepção da realidade são revelados através da linguagem literária e dos símbolos metafóricos, que proporcionam experiências vivenciadas e associadas ao mundo real, através da leitura crítico-reflexiva de obras literárias.

Na Literatura infanto-juvenil, algumas obras, como é o caso de *O Pequeno Príncipe*, mesclam texto e ilustrações, criando um vínculo definido por Camargo (1998), como coerência semiótica, ou seja, são dois códigos (palavra e imagem) que, juntos, convergem para dar significação ao texto. Nesse caso,

a ilustração estabelece com o texto uma relação semântica. Nos casos ideais, uma relação de coerência, aqui denominada coerência intersemiótica, pelo fato de ocorrer entre dois códigos diferentes, o visual e o verbal. Assim, entende-se neste estudo como coerência intersemiótica a relação de coerência, ou seja, convergência ou não contradição, entre os significados (denotativos e conotativos) da ilustração e do texto (CAMARGO, 1998, p. 75).

Sob essa lógica, é relevante considerar os pressupostos da Semiótica, tendo como base os seguintes apontamentos:

Um signo, ou representação, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente desta pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representante esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, dominei fundamento de representação (PEIRCE, 1999, p. 46).

Essa função permite entender que a imagem representa objetos, sentimentos e sentidos que se formam a partir da combinação de vários signos e elementos que dão forma a vários sentidos e constroem cognitivamente uma cultura visual, através da qual se mobiliam vários conhecimentos e formas de sentidos. Sob esse olhar, é pertinente dizer, ainda, que utilizar a imagem como recurso para o desenvolvimento da leitura remete, nesse caso, a uma prática significativa e estimular o gosto não só pela leitura, mas também pela Arte.

Conforme Lima, Silva e Reiner (2010), “[...] o homem utiliza meios, nem sempre verbais, para comunicar o que realmente quer”. Ainda em conformidade com as teóricas, Exupéry utilizou dessa técnica para demonstrar que “é essencial,

sempre, nos lembrarmos dos sentimentos citados: Amizade, Amor, Simplicidade, que mesmo se fossem explicados aos adultos, com palavras, não seriam compreendidos” (LIMA; SILVA; REINER, 2010, p. 11).

Tomando como base essa premissa, é pertinente o que elucidam Cunha e Fischer (2009, p. 2027) sobre a leitura de imagem: “Lidar com as imagens, lê-las e interpretá-las constrói a cultura visual do indivíduo, bem como a compreensão do mundo e de sua própria existência”. Nessa perspectiva, analisaremos, nesta pesquisa, a representação imagética de cinco personagens mais relevantes na obra, enfatizando a forma com elas dialogam com o texto e sua simbologia.

Figura 1 – O Pequeno Príncipe



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p.1)

O personagem que dá o nome ao livro é um dos dois protagonistas da história. A criança vem do asteroide 325 (conhecido na Terra como B-612) e deixa a sua casa e a sua querida rosa para viajar pelo Universo. Nos vários planetas que visita, tem contato pela primeira vez com adultos e fica espantado com o comportamento adulto e com as suas incoerências.

Quanto a sua representatividade dentro da obra, é possível considerar que este representa a infância inconsciente dentro de cada adulto, simbolizando sentimentos de amor, esperança e inocência.

Figura 2: O avião



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p.5)

Como um dos protagonistas, o avião tem papel primordial ao longo da história e tem a função de narrador.

Quando era criança, o piloto tinha o sonho de ser um artista, mas foi desencorajado por adultos à sua volta. Apesar disso, o piloto faz vários desenhos para o Pequeno Príncipe e revela que a sua visão do mundo é mais parecida com a de uma criança.

Dessa forma, o aviador simboliza a atitude de persistir e lutar pelos sonhos. A sua busca pelo poço no deserto revela a importância de aprender as lições através da exploração pessoal.

Figura 3: A rosa. Desenho apresentado pelo Pequeno Príncipe (Personagem da obra o Pequeno Príncipe)



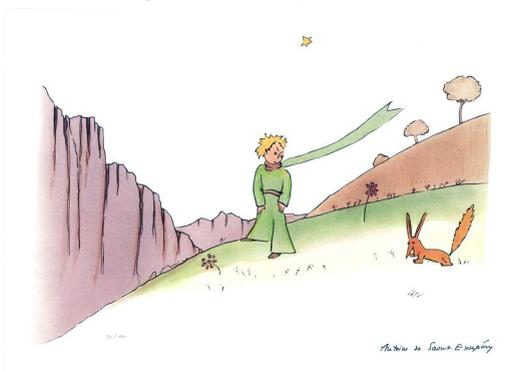
Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 5)

A rosa constitui-se como personagem que representa o amor, mas seu comportamento contraditório faz com que ele parta em viagem. A Rosa tem uma atitude melodramática e orgulhosa e é simultaneamente convencida e ingênua. O Pequeno Príncipe

cede aos seus caprichos e, como cuida muito bem da Rosa, a sua memória faz com que queira regressar ao seu lar. Assim, a personagem simboliza a alma, o coração e o amor, ao mesmo tempo em que “designa uma perfeição acabada, uma realização sem defeito” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 788).

Ao encontrar um jardim com cerca de cinco mil rosas “*iguazinhas à minha*”(p.67), o príncipe fica desapontado, pois percebe que a sua rosa era apenas uma “rosa comum” e ele fica tão decepcionado que “*deitado na relva, ele chorou*” (p. 67). Desse modo, o texto e a imagem confluem para a representação da flor no planeta do narrador, que na visão do Pequeno Príncipe, não é valorizada, muito menos cuidada; além de que o espinho nesse caso passa a configurar como um elemento com valores diferentes em cada um dos lugares. Esse jogo de sentidos remete à uma possibilidade de tornar o texto verbal mais significativo, o que ficou mais visível nas representações imagéticas. Observamos que os espinhos têm uma função que é a de proteção, por isso, ela não pode deixar de ser desconsiderada. Dessa forma, o texto dialoga com a imagem de forma a dar visibilidade aos sentidos e significados que tem a flor na vida de uma dada sociedade. A partir das imagens, percebemos uma ressignificação dela como elemento de afeto, de delicadeza. Ela simboliza, portanto, o amor que deve ser cuidado e cultivado. Apresenta características humanas, tanto boas como más.

Figura 4: A raposa

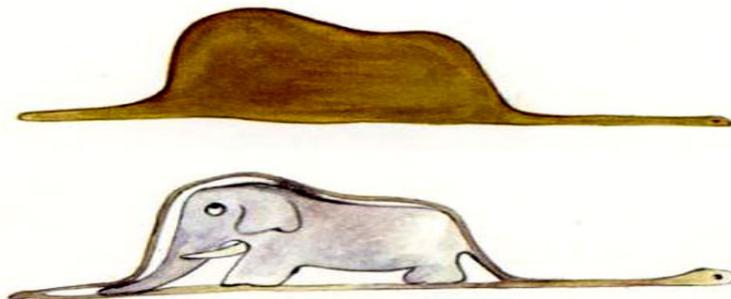


Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p.40)

Personagem que representa a sabedoria, surge na história de forma repentina e misteriosa e estabelece um relacionamento de amizade com o Pequeno Príncipe. Apesar de pedir para ser domada pelo seu amigo, a raposa atua não só como pupila, mas como sua tutora, ensinando-lhe valiosas lições.

A Raposa ensina que cativar quer dizer conquistar e requer responsabilidade, por um amor, por um amigo e pelo que conquistamos em nossa vida profissional e pessoal. Desse modo, ao simbolizar a sabedoria, a raposa ensina valiosas lições ao protagonista, sendo as mais importantes: só o coração consegue ver corretamente, o tempo que o Pequeno Príncipe passou longe do seu planeta fez com que valorizasse mais a Rosa e o amor implica uma responsabilidade.

Figura 5: Desenho feito pelo aviador (Personagem da obra o Pequeno Príncipe). Representando o elefante dentro da jiboia



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 5)

É o desenho que é feito pelo Piloto que os adultos não entendiam, pois parecia um chapéu. Inicialmente, os adultos não entendiam o desenho e o confundiam com um chapéu, porque a jiboia que comeu o elefante assumiu a sua forma. Para explicar o desenho, o Piloto fez uma segunda versão, um raio X que revela o elefante dentro da jiboia, como nos mostra a imagem acima. Nesse sentido, a ilustração pretende demonstrar que nem sempre aquilo que vemos é a realidade. Assim como o primeiro desenho parecia para muitos um chapéu, na vida muitas coisas não são o que parecem à primeira vista, nos ensinando a ver além das aparências.

Dessa forma, é importante destacar que essa obra o Pequeno Príncipe configura um dos principais aportes para se entender os conflitos que envolvem, não só a existência humana, mas o amor

ao próximo e a amizade. Essa condição remete ao destaque da seguinte fala:

- Há milhões e milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões e milhões de anos que os carneiros as comem, apesar de tudo. E não será sério procurar compreender por que perdem tanto tempo fabricando espinhos inúteis? Não terá importância a guerra dos carneiros e das flores? Não será mais importante que as contas do tal sujeito? E se eu, por minha vez, conheço uma flor única no mundo, que só existe no meu planeta, e que um belo dia um carneirinho pode liquidar num só golpe, sem avaliar o que faz, - isto não tem importância?! (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p.28).

Com base nessa narrativa, temos um exemplo contundente de como a imagem enriquece o texto escrito através da sua semiose, pois em torno do texto se constrói toda uma rede de sentido, que permite entender as formas de pensar do aviador e o mundo do Pequeno Príncipe, o que de certa forma dá vida a um texto. Há vezes que atravessam os textos escritos e imagéticos.

A REFLEXÃO NAS FRASES

O livro *Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint é composto por frases reflexivas que passam para os seus leitores ensinamentos sobre a vida, fazendo com que os leitores consigam obter aprendizados proporcionados através das frases e desfrutar de uma ótima leitura que acrescenta na vida pessoal. Na frase “É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas”, podemos perceber que na vida é necessário passarmos por momentos bons e ruins, pois cada momento são aprendizados e ao passarmos pelos ruins aprendemos a valorizar os bons e os ruins servem para nos fortalecermos.

“A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar.” Mesmo sabendo que é possível nos machucarmos com relacionamentos, precisamos estar sempre dispostos a formar laços com o próximo, deixarmos nos cativar, pois isso é essencial para podermos viver a vida.

Em cada linha do livro nos deparamos com uma frase que acrescenta em nossa vida. Ao lermos “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso”, percebemos que nunca podemos deixar ir embora o nosso espírito de criança. Precisamos desse espírito para viver a vida com leveza e com alegria.

“É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou.” Não podemos odiar as pessoas, porque algumas nos magoaram, devemos ter maturidade para entender que todo ser humano

é falho e comete erros. Precisamos viver relacionamentos e estarmos sempre abertos para sermos felizes.

“As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes.” É necessário criarmos laços e pontes com as pessoas, para mantermos uma boa relação e um bom convívio, o convívio com outras pessoas nos ajuda a enfrentarmos as dificuldades e ter alguém para celebrarmos as alegrias.

Ao lermos o livro do Pequeno Príncipe, nos deparamos com frases que mostram o verdadeiro sentido da vida, a frase “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” Vem nos mostrar que somos responsáveis pelas pessoas que escolhemos para deixar entrar em nossa vida, pelas pessoas que cativamos. Por isso, é importante zelar pelo bem estar e felicidade do próximo, construir relações saudáveis e fazer com que o relacionamento cresça cada vez mais.

“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” Seguindo essa linha de pensamento, precisamos enxergar as coisas não com a razão, mas, sim, com a emoção. Às vezes, o que realmente importa é enxergar além da aparência, tentar olhar o bem dentro do outro ou até mesmo dentro de si, pois a vida não pode ser feita de aparências, porque tudo o que realmente tem valor está na nossa essência.

“Se tu choras por ter perdido o sol, as lágrimas te impedirão de ver as estrelas”. A vida sempre será feita de altos e baixos, os quais precisamos passar um para podermos valorizar o outro. Nesse trecho, expressa uma metáfora na qual podemos perceber

que não se pode abaixar a cabeça nos momentos difíceis da vida. Tudo na vida tem um propósito, se não for benção é aprendizado. Então, precisamos sempre enfrentar os obstáculos para seguir em frente, pois nada é para sempre e uma hora tudo irá melhorar.

Em todo o livro do Pequeno Príncipe existem diversas frases que nos fazem refletir sobre a vida, a vivência com o próximo e o amor. São frases que se encaixam, nos fazem refletir e nos ajudam a melhorarmos como seres humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas considerações levantadas nesta pesquisa, podemos afirmar que Antoine de Saint-Exupéry, com sua obra *O Pequeno Príncipe*, publicada em 1943, nos brinda com uma narrativa cheia de sensibilidade, valores e ensinamentos transmitidos através de metáforas e símbolos. Tal obra se destaca na Literatura infanto-juvenil, ainda que tenha atingido um público diversificado. Nesse sentido, visando o objetivo deste trabalho, consideramos que o diálogo entre os textos escritos e os imagéticos na obra a enriquece de modo imensurável e é possível estudá-la a partir da utilização da semiótica. Ademais, é crucial frisar que é por meio da análise do conjunto (imagem + texto) que o leitor, com base na imagem, ativa vários sentidos da mente humana, com destaque para o desenvolvimento cognitivo, ainda mais quando utilizada como recurso didático pedagógico.

Dessa forma, frisamos que a obra *O Pequeno Príncipe*, através de alguns símbolos, estabelece uma crítica direta aos adultos e aos problemas sociais e morais que existiam em seu tempo, na década de quarenta. Por este motivo, o autor, foge da regra de que se faz literatura infantil somente para as crianças. Enfim, Saint-Exupéry nos presentearia com uma literatura ficcional e com teor autoreflexivo, em que aborda temáticas atemporais, que transita no tempo, ultrapassando as fronteiras temporais com temas que até hoje são contemporâneos, como: a avareza do homem rico, a falta de tempo do homem de negócios, a necessidade de poder do rei, a importância dada às aparências externas, a falta de humanidade e a importância da amizade entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 23. ed. São Paulo: Jose Olympio, 2009.

DRYZUN, Sheila G. **Antoine de Saint-Exupéry e O Pequeno Príncipe: A história de uma história**. São Paulo: Pedran'água, 2009.

FREITAS, Mauro Ricardo de. Uma abordagem filosófica da obra *O pequeno príncipe* de Saint-Exupéry. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre**, v. VII, n. 17, 2015.

LIMA, Aline de Magalhães; SILVA, Antônia M. dos Santos; REINER, Nery. *O Pequeno Príncipe: A importância dos símbolos*. São Paulo, Universidade de Santo Amaro – UNISA, 2010.

MORIZ, Núbia Litaiff. **Literatura Amazonense: reflexões no processo de ensino e aprendizagem do Ensino Médio das Escolas Estaduais de Tefé/AM.** Dissertação de Mestrado. Universidad San Carlos (USC). Asunción/PY, 2012.

OLIVEIRA, Monique Pucci de; NAMBA, Tatiana Sayone. A influência das fábulas na construção dos valores morais da criança. In: **14º Congresso Nacional de Iniciação Científica.** CONIC/SEMESP. Universidade do Grande ABC, 2014.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica.** 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1999.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** Rio de Janeiro: Agir, 1999.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** Editora Agir. 48. ed. Rio de Janeiro, 2009.

TRINDADE, André Karam. **Mais literatura e menos manual: a compreensão do Direito por meio da ficção.** Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Entrevista por Ricardo Machado, 2007.

VIRCONDELET, Alain. **A verdadeira história do Pequeno Príncipe.** Tradução: Lilian Palhares. Osasco, SP: Novo Século, 2008.